

# APRESENTAÇÃO

## Sociedades Pré-Capitalistas

**E**m tempos de domínio social da barbárie neoliberal e hegemonia conservadora no pensamento acadêmico, o campo dos estudos pré-capitalistas – em especial a História Antiga e Medieval – vêm constituindo-se em abrigo seguro à reprodução de um amplo leque de posições teóricas reacionárias que abarcam desde o positivismo factual mais rasteiro e ultrapassado às mais irracionais e pós-modernas concepções do social fragmentado e aprisionado nas malhas do discurso.

Não é incomum nos depararmos com defensores de uma perspectiva de abordagem que rejeita toda e qualquer tentativa de análise que imponha, a uma temporalidade mais ou menos remota, conceitos e categorias que não tomem por base as “concepções” elaboradas pelas “sociedades” do período em questão. O recurso, afirmam, a qualquer instrumental analítico forjado pelo corpo das ciências humanas contemporâneas resultaria em uma deformação, senão profanação, do passado. E assim, orgulhosos de sua erudição e refugiados num passado distante, antiquistas e medievalistas cumprem a assumida função de reproduzir no presente os mitos e visões de mundo hegemônicas criados por elites que jazem em alguma fatia de duração do passado!

A anatomia do homem é, todavia, como dizia Marx, uma chave para a anatomia do macaco. Esta célebre assertiva, que serve de mote para o coletivo que organizou este dossiê<sup>1</sup>, significa que a estruturação da sociedade capitalista, forma historicamente mais desenvolvida da produção, constitui ponto de partida e referência essencial para a compreensão de todas as formas históricas outras que a sua emergência, enfim e por fim, sepultou.

É, portanto, a partir das nossas batalhas pelo futuro que observamos o passado pré-capitalista, que nos interessa pelas lutas dos homens contra a opressão e pela liberdade de existência, expressões de que somos, em grande parte, manifestação. Muito menos do que um passado perdido no tempo, era remota, objeto de curiosidade de “antiquários”, o que as sociedades pré-capitalistas nos ajudam a desvelar é o que temos de mais específico, distintivo e marcante em nossa contemporaneidade, a sua historicidade.

Nesta coletânea que o leitor tem em mãos, alguns artigos evidenciam a máxima insofismável de que toda história – mesmo aquela que parece remeter-se aos primórdios das sociedades humanas, a sua “noite dos tempos”! – é feita a partir das demandas do presente. Assim, Fábio Frizzo toma as manifestações populares de 2011, na Praça Tahir, no Cairo, uma das mais vigorosas expressões da Primavera Árabe, como marco de inflexão “benjaminiano” da abordagem de uma revolta social ocorrida do período do Egito faraônico, no IIIº Milênio a. C. José Knust e Carlos Mac Gaw apresentam-nos um vigoroso exemplo de que toda história é feita de maneira retrospectiva, de forma que o contexto(s) histórico(s) do(s) presente(s) exerce(m) uma força inevitável sobre as construções do passado. O primeiro nos demonstra, com uma crítica contundente, como algumas vertentes da história econômica romana assumem uma perspectiva claramente apologética do presente capitalista em curso, tendência que pode, e deve, ser superada. O segundo, por seu turno, concentrando-se na crítica à leitura de Jairus Banaji de algumas passagens de *O Capital*, de Karl Marx, aborda a concepção de capitalismo romano vinculada às posições modernistas de análise da economia antiga.

Quatro outros artigos deste número abordam o tema dos conflitos e lutas de classe em contextos pré-capitalistas diversos, pondo em xeque as apropriações idealizadoras que insistem em fazer daquelas formações sociais ambientes idílicos nos quais imperaria uma suposta harmonia social. Diego Labra recorre às sagas islandesas para analisar, naquela sociedade do século VIII, as diversas vias e mecanismos de resolução dos conflitos. Carla Cimino aborda o problema da redistribuição da renda do dízimo no interior da

<sup>1</sup>Niep-Marx PréK (“Seção Pré-Capitalista” do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e Marxismo), composto pelos seguintes organizadores deste volume: Álvaro Ferreira, Eduardo Daflon, Fábio Frizzo, Gabriel Melo, José Ernesto Knust, Mário Jorge Bastos, Paulo Henrique Pachá e Renato Silva.

classe feudal após a formação do episcopado na cidade espanhola de Zamora, entre os séculos XI e XIII, elemento-chave das estratégias de reprodução da aristocracia. Carlos Astarita, por sua vez, propõe-se a desenvolver uma compreensão global da dinâmica do modo de produção feudal e das lutas sociais ocorridas na Europa ocidental do medievo, tendo por base as suas pesquisas sobre os movimentos burgueses do século XII. Já Camila de Góes aborda as visões marx-engelsianas do colonialismo europeu na Índia expressas em uma série de artigos publicados no *New York Tribune*, entre os anos de 1853 e 1859, relacionando-as à questão da possível identificação de uma filosofia da história intrínseca ao tratamento que Marx e Engels dão à questão nacional indiana. Encerrando o dossiê, Mário Maestri, em seu artigo, discute o problema geral da construção das justificativas dominantes da exploração nas sociedades pré-capitalistas – em que era tênue a comunidade simbólica entre explorados e exploradores – dedicando-se, em especial, à sociedade escravista colonial.

Para além do dossiê, três outros artigos e três resenhas completam a edição. Antonio Elias Sobrinho discute *A luta dos trabalhadores no tempo de Marx*, colocando em evidência elementos históricos que são fundamentais para a compreender o contexto da produção da teoria marxiana. Os dois últimos artigos discutem a articulação e organização da direita, em diferentes contextos. Renato Della Vechia, em *O Diretório Estadual de Estudantes no Rio Grande do Sul e seu papel de Aparelho Ideológico do Regime Militar*, recupera a história de uma entidade estudantil constituída no contexto da ditadura no Rio Grande do Sul, como instrumento ideológico de controle político da juventude. Lucas Patschiki, em *Olavo de Carvalho, o Mídia Sem Máscara e o anticomunismo contra Gramsci (2002-2011)*, reflete sobre a disseminação de uma modalidade particular de anticomunismo difundida pelo grupo organizado em torno do sítio eletrônico Mídia Sem Máscaras e cujo elemento central é crítica ao “gramscismo”, apontado como estratégia seguida pela esquerda para atingir o poder. A primeira resenha, de Kaio Goulart discute a importância do mais recente livro de Leandro Konder, *Em torno de Marx*. Deni Rubbo reflete sobre *A potência plebeia*, de Álvaro Garcia Linea, obra importante para a compreensão das perspectivas, limites e contradições do processo boliviano, escrita por um de seus dirigentes. Por sua vez, Antonio Bosi resenha a obra de Valéria Matos, *Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho*, que reflete sobre as decorrências do capitalismo flexível para os jovens trabalhadores qualificados e suas implicações para a pós-graduação.

O lançamento desta edição coincide com a notícia do falecimento de Carlos Nelson Coutinho. Carlos Nelson ou simplesmente Carlito, como era conhecido entre os seus amigos foi um incansável intelectual e um dos maiores divulgadores do marxismo e da obra de Gramsci e Lukács entre os brasileiros. Autor de uma das mais ricas, polêmicas e criativas obras produzidas no interior do pensamento marxista brasileiro, Carlos Nelson foi um pesquisador generoso, além de um debatedor franco e firme polemista. Coerente do princípio ao fim em sua militância comunista, Carlos Nelson foi sempre um homem de partido, tendo militado no PCB, onde foi parte do grupo dos jovens renovadores, saindo depois para ingressar no PT, terminando seus dias nas fileiras do PSOL. O desaparecimento de Carlos Nelson Coutinho coloca para todos nós marxistas o desafio de seguir fomentando o debate, sempre propondo caminhos e perspectivas de discussão teórica e intervenção prática na realidade. A Comissão Editorial de História & Luta de Classes sente-se convidada a prosseguir estimulando as reflexões sobre o marxismo, inclusive o marxismo de Carlos Nelson Coutinho a quem este número é dedicado.

Setembro de 2012

Gilberto Calil  
Editor

Fábio Frizzo  
Mário Jorge Bastos  
Coordenadores do Dossiê